

Coleção LESTE

A. P. Tchekhov

A DAMA DO
CACHORRINHO

e outros contos

Organização, tradução, posfácio e notas
Boris Schnaiderman

BILHETE PREMIADO

Ivan Dmítritch, homem de condição mediana, que vive com a família nos limites de um orçamento anual de 1.200 rublos, e muito satisfeito com a própria sorte, sentou-se, certa vez, depois da ceia, no divã e começou a ler o jornal.

— Esqueci de espiar hoje o jornal — disse a mulher, enquanto tirava os pratos da mesa — Veja se foi publicada a lista do sorteio.

— Foi, sim — respondeu Ivan Dmítritch. — Mas, você não empenhou o bilhete? Não está perdido?

— Não, já paguei os juros, terça-feira.

— Qual é o número?

— Série 9499, bilhete 26.

— Bem... Vamos ver... 9499 e 26.

Ivan Dmítritch não acreditava na felicidade lotérica. Noutra ocasião, nem olharia para a lista, mas, daquela vez, como estivesse desocupado e com o jornal diante dos olhos, correu o dedo, de alto a baixo, sobre os números das séries. E no mesmo instante, como a zombar de sua incredulidade, já na segunda coluna, em cima, o número 9499 surgiu abruptamente a seus olhos! Sem verificar o número do bilhete, nem atentar se lera direito, deixou cair rapidamente o jornal sobre os joelhos e sentiu um friozinho agradável no fundo do estômago, como se lhe tivessem jogado água fria. Parecia uma cócega irritante e gostosa, mas que, ao mesmo tempo, desse medo.

— Macha¹ — disse baixinho — está aí o 9499!

¹ Diminutivo de Mária.

A mulher olhou para seu rosto surpreso, assustado, e compreendeu que o marido não estava brincando.

— 9499? — perguntou ela, empalidecendo e deixando cair sobre a mesa a toalha dobrada.

— Sim, sim... Realmente, está aí!

— E o número do bilhete?

— Ah, sim! É preciso ver ainda o número do bilhete. Aliás, espere um pouco...

— Então, que tal? Apesar de tudo, está aí o número de nossa série! Apesar de tudo, você compreende...

Ivan Dmítritch olhava para a mulher com um sorriso grande e vago, como uma criança a quem se mostrasse um objeto brilhante. A mulher sorria também, era-lhe agradável, como a ele, que o marido tivesse lido apenas a série e não se apressasse a conhecer o número do feliz bilhete. É tão aprazível, tão angustiante, alguém espicaçar e extenuar a si mesmo, na esperança de uma felicidade possível!

— A nossa série está aí — disse Ivan Dmítritch, depois de prolongado silêncio. — Isto quer dizer que existe uma possibilidade de recebermos o prêmio. Apenas uma possibilidade, mas existe!

— Bem, agora olhe.

— Espere. Ainda teremos tempo de nos desiludir. É na segunda coluna, em cima — quer dizer que se trata de um prêmio de 75.000. Isto não é dinheiro, mas uma força, um capital! E se eu, de repente, olhar a lista e lá estiver o 26! Hem? Escuta, e se nós realmente ganharmos?

O casal pôs-se a rir e olharam-se por muito tempo, em silêncio. Aquela felicidade possível nublou-lhes o espírito, não podiam sequer sonhar, dizer para que precisavam daqueles 75.000, o que comprariam com aquilo, para onde viajariam. Estavam apenas pensando nos números 9499 e 75.000, representavam-nos em sua imaginação e nem chegavam a pensar na própria felicidade, que era tão viável.

Ivan Dmítritch caminhou algumas vezes de um canto a

outro da sala; com o jornal nas mãos, mas, somente depois de passada a primeira impressão, começou, aos poucos, a sonhar.

— E que tal, se nós ganharmos? — disse. — Isto significa uma nova vida, uma coisa descomunal! O bilhete é teu, mas, se fosse meu, em primeiro lugar, compraria naturalmente algum imóvel, qualquer coisa como uma propriedade no campo, no valor de 25.000; uns 10.000 iriam para despesas com mobília nova... uma viagem, pagamento de dívidas e coisas assim... Os 40.000 restantes iam para o banco, render juros...

— Sim, é bom ter uma propriedade — disse a mulher, sentando-se, as mãos sobre os joelhos.

— É, lá pelo governo de Tula ou de Orlóv... Em primeiro lugar, evita-se alugar uma casa de campo no verão; em segundo lugar, é sempre uma renda.

E as visões aglomeraram-se na imaginação dele, cada qual mais aprazível e poética. Em todas aquelas imagens, via-se bem alimentado, tranqüilo, sadio, sentia uma tepidez, calor até! Tendo comido uma sopa gelada, ei-lo deitado de ventre para o ar, na areia quente, à margem do rio, ou no jardim, sob uma tília... Faz calor... Perto dele, o filho e a filha rolam na areia, fazem túneis ou apanham bichinhos na relva. Ele cochila docemente, não pensa em nada, sente, com todo o corpo, que não precisa ir para o serviço, nem hoje, nem amanhã, nem depois de amanhã. E fartando-se de ficar deitado, vai ver à fenação, ou dirige-se para o mato, apanhar cogumelos, ou, ainda, fica observando como os mujiques pescam de rede. Ao pôr-do-sol, apanha um lençol, sabonete e arrasta-se para a casa de banho, onde se despe sem pressa, passa muito tempo alisando o peito nu, e entra, depois, na água. O sabão forma círculos foscos, ao lado dos quais pululam peixinhos e balançam-se plantas aquáticas. Depois do banho, toma-se chá com nata e pão de leite... À noite, passeia-se ou joga-se uíste com os vizinhos.

— Sim, é bom comprar uma propriedade — diz a mu-

lher, sonhando também, e vê-se, em seu rosto, que está arrebatada com os pensamentos.

Ivan Dmítritch imagina o outono com muita chuva, com noites frias e, depois, um veranico. Nessa época, é preciso caminhar o mais longamente possível, pelo jardim, pela horta, pela margem do rio, para ficar bem transido de frio, e, em seguida, tomar um bom cálice de vodca e saborear cogumelo salgado ou pepino com funcho; depois, emborcar outro cálice. As crianças estão correndo de volta da horta, trazendo cenoura e nabo, que cheira a terra fresca... A seguir, estirar-se sobre o divã e examinar, sem pressa, alguma revista ilustrada, depois cobrir o rosto com a revista, desabotoar o colete, deixar-se envolver pela modorra...

Segue-se ao veranico um tempo cinzento, feio. Chove dia e noite; lacrimejam as árvores despidas, o vento é úmido e frio. Cachorros, cavalos, galinhas, estão todos molhados, tristonhos, assustados. Não há onde passear, não se pode sair de casa, não resta senão caminhar o dia todo de um canto a outro, olhando com angústia para as janelas embaciadas. Aborrece!

Ivan Dmítritch parou um instante e olhou para a mulher.

— Sabe, Macha, eu viajaria para o estrangeiro.

E começou a pensar que seria bom, no fim do outono, viajar para o estrangeiro, para o Sul da França, a Itália, a Índia!

— Eu também — disse a mulher — iria, sem falta, para o estrangeiro. Bem, olha o número do bilhete!

— Espere, mais um instante...

Ele caminhava pela sala, cismando sempre. Veio-lhe o pensamento: e se a mulher viajasse realmente para o estrangeiro? Viajar é agradável sozinho, ou em companhia de mulheres sem compromissos, despreocupadas, que vivam apenas o momento presente, e não daquelas que, durante toda a viagem, falem de filhos, suspirem, assustem-se com as despesas. Ivan Dmítritch imaginou a mulher no trem, carregada de cestos e pacotinhos, suspirando sempre por alguma coisa e queixando-se de que a viagem lhe deu dor de cabeça, que já gás-

tou muito dinheiro; a cada momento, é preciso correr para a estação, arranjar água quente, sanduíches, água potável... Ela não quer jantar, porque a refeição é cara...

“Iria controlar cada coque de minhas despesas”, pensou, olhando para a mulher. “O bilhete é dela, não é meu! E para que precisa ela viajar para o estrangeiro? O que deixou de ver lá de importante? Vai ficar o tempo todo no quarto do hotel e não me deixará sair também... Eu sei!”

E, pela primeira vez na vida, reparou em que a mulher envelhecera, ficara mais feia, estava impregnada de cheiro de cozinha, enquanto ele ainda era moço, sadio, viçoso, bom para casar novamente.

“Está claro que tudo isto é bobagem”, pensou, “mas, para que iria ela ao estrangeiro? O que entende daquilo? E eu sei que iria mesmo... Imagino... Mas, na verdade, para ela tanto faz estar em Nápoles ou na aldeia. Serviria apenas para me atrapalhar. Eu dependeria dela. Mal recebesse o dinheiro, ia metê-lo a sete chaves, como fazem as mulheres... Procuraria escondê-lo de mim... Presentearia os parentes dela e, para mim, contaria os coques”.

Ivan Dmítritch lembrou-se da parentela. Todos aqueles irmãozinhos, irmãzinhas, titiás e titios, apenas tivessem recebido a notícia da sorte-grande, viriam arrastando-se, começariam a mendigar, sorrir untuosamente, tratá-los com hipocrisia. Gente ridícula, desprezível! Se recebem algo, logo pedem mais; e se a gente recusa, vão maldizer, rogar pragas, desejar-nos todas as desgraças possíveis.

Ivan Dmítritch lembrou-se dos parentes, e seus rostos, para os quais olhara antes com indiferença, já lhe pareciam repulsivos, odiosos.

“É uma gentalha!”, pensou.

E o rosto da mulher começou a parecer-lhe também repulsivo, odioso. Em seu íntimo, borbulhou um rancor contra ela. Pensou com perversidade:

— Não entende nada de dinheiro e, por isso, é avaren-

ta. Ganhando o prêmio, me daria 100 rublos, o restante iria para o cofre.

E ele já olhava para a mulher não com um sorriso, mas com ódio. Ela possuía seus próprios sonhos radiantes, seus projetos e idéias. Compreendia perfeitamente em que consistiam os sonhos do marido, percebia sua intenção de avançar na bolada.

“— É bom sonhar por conta alheia”, dizia o olhar dela. “Não, você não pode!”

O marido compreendeu aquele olhar; o ódio ferveu-lhe no peito e, para contrariar a mulher, para causar-lhe mal, olhou rapidamente para a quarta página do jornal e anunciou, triunfante:

— Série 9499, bilhete 46! Não é 26!

A esperança e o ódio desapareceram no mesmo instante e, imediatamente, pareceu a Ivan Dmítritch e a sua mulher que seus quartos eram escuros, pequenos e baixos, que a ceia, comida há pouco, não satisfazia e apenas fazia peso no fundo do estômago, que as noites eram longas e cacetes...

— É o diabo — disse Ivan Dmítritch, começando a implicar. — Por onde ando, piso sempre uns papezinhos, migalhas, não sei que casquinhas. Nunca se varrem estes quartos! Será preciso deixar esta casa, diabo que me carregue. Vou-me embora, para me enforcar na primeira árvore!

(1887)